

# Educação Musical a Distância e Tecnologias no Ensino da Música

Fabiano Lemos Pereira  
(Organizador)



**Atena**  
Editora

Ano 2020

# Educação Musical a Distância e Tecnologias no Ensino da Música

Fabiano Lemos Pereira  
(Organizador)



**Atena**  
Editora

Ano 2020

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecária**

Janaina Ramos

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior



Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



## Educação musical a distância e tecnologias no ensino da música

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Fabiano Lemos Pereira

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação musical a distância e tecnologias no ensino da música / Organizador Fabiano Lemos Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-662-1

DOI 10.22533/at.ed.621201012

1. Música. 2. Educação. I. Pereira, Fabiano Lemos (Organizador). II. Título.

CDD 780.7

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

## APRESENTAÇÃO

A coleção “Educação Musical a distância e Tecnologias no Ensino da Música” é uma obra que tem como foco principal a discussão científica por intermédio de trabalhos diversos que compõe seus capítulos. O volume abordará de forma categorizada trabalhos, pesquisas, relatos de casos e/ou revisões que transitam nos vários caminhos educação musical na modalidade a distância.

O objetivo central foi reunir estudos de diversas instituições do país sobre o tema. Em todos esses trabalhos a linha condutora foi o uso de tecnologias na educação musical, seja como coadjuvante na modalidade presencial ou como ferramenta para a modalidade a distância. O avanço das pesquisas em Educação a Distância (EaD) na área da educação musical vem crescido significativamente nos últimos anos. Com a pandemia causada pela COVID-19 em 2020, o ensino remoto passa a ser o centro de discussão para usos das tecnologias educacionais na educação musical, que usa ferramentas da Educação a Distância – embora ensino remoto não seja o mesmo que educação a distância.

Temas diversos são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de fundamentar o conhecimento de acadêmicos e todos aqueles que de alguma forma se interessam pelo ensino de Música a distância e pelo uso de tecnologias no ensino da Música. Possuir um material que reúna elementos sobre metodologias de ensino a distância com foco na música, tecnologias educacionais e experiência docente é muito relevante, assim como abordar temas atuais e de interesse direto da sociedade como o ensino remoto de música.

Deste modo a obra Educação Musical a distância e Tecnologias no Ensino da Música apresenta uma teoria bem fundamentada nos resultados práticos obtidos por professores e acadêmicos que desenvolveram seus trabalhos que aqui serão apresentados de maneira concisa.

Fabiano Lemos Pereira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O ENSINO DE MÚSICA A DISTÂNCIA QUEBRA PARADIGMAS EDUCACIONAIS? UMA REFLEXÃO DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19	
Fabiano Lemos Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.6212010121	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>15</b>
APLICATIVOS PARA APRENDIZAGEM DE BATERIA: O CAMINHO DO CONTROLE SONORO	
Daniel Gohn	
DOI 10.22533/at.ed.6212010122	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>27</b>
AULAS DE INSTRUMENTO MUSICAL A DISTÂNCIA: O DESAFIO EMERGENTE	
Ana Lúcia Iara Gaborim Moreira	
Antonio Deusany de Carvalho Júnior	
Jackes Douglas Nunes Angelo	
DOI 10.22533/at.ed.6212010123	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>44</b>
NEM TANTO AO MAR NEM TANTO À TERRA: EM BUSCA DE UM CONSENSO SOBRE AS TICS NA EDUCAÇÃO MUSICAL	
Carlos da Veiga Feitoza	
DOI 10.22533/at.ed.6212010124	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>56</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>57</b>

# CAPÍTULO 1

## O ENSINO DE MÚSICA A DISTÂNCIA QUEBRA PARADIGMAS EDUCACIONAIS? UMA REFLEXÃO DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19

Data de aceite: 01/12/2020

**Fabiano Lemos Pereira**

Prefeitura Municipal de Macaé (RJ)

Prefeitura Municipal de Casimiro de Abreu (RJ)

**RESUMO:** O artigo discute aspectos teóricos quebra de paradigmas da educação a distância através de pesquisa bibliográfica, tomando como base a tese de doutorado de Pereira (2019). São levantados aspectos teóricos sobre a metodologia da Educação Musical a distância e sua quebras de paradigmas, além de ser feita uma reflexão sobre o ensino de música durante a pandemia ocorrida em 2020 pelo COVID-19. Ao final, conclui-se que para se romper paradigmas na educação musical a distância é preciso tornar a educação aberta e romper com um pensamento institucional tradicional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação musical a distância, paradigmas educacionais, tecnologias educacionais na música, aprendizagem de música através da internet.

### DISTANCE TEACHING OF MUSIC BREAKS EDUCATIONAL PARADIGMS? A REFLECTION DURING THE COVID-19 PANDEMIC

**ABSTRACT:** The article discusses theoretical aspects breaking paradigms of distance education through bibliographic research, based

on Pereira's PhD thesis (2019). Theoretical aspects about the methodology of Music Education at a distance and its breaking of paradigms are raised, in addition to a reflection on music teaching during the pandemic that occurred in 2020 by COVID-19. In the end, it is concluded that in order to break paradigms in distance music education, it is necessary to make open education and break with traditional institutional thinking.

**KEYWORDS:** Music education at a distance, educational paradigms, educational technologies in music, music learning through the internet.

## 1 | INTRODUÇÃO

A aprendizagem de Música a distância é um acontecimento que ocorre desde o ensino por correspondência, posteriormente por meio de rádios, TV, satélites e computadores, programas instrucionais, videoaulas e *play-a-longs*. Com acesso à internet<sup>1</sup> por computador e plataformas móveis<sup>2</sup>, modifica-se a forma de aprendizagem de Música, pois, além de o aprendiz poder interagir e dialogar via redes sociais, músicos e professores que antes precisavam de uma editora como requisito obrigatório passam agora a ter a possibilidade de criar seus próprios materiais.

Isso implica realizar um processo educativo em Música com meios de comunicação digitais e interativos, o que significa introduzir aspectos tecnológicos como meio e fim para

1. *E-learning*.

2. *M-learning*.

atingir o objetivo da aprendizagem de Música. Em uma tentativa de romper com paradigmas, é necessário pensar uma metodologia que consiga aliar atividades e práticas com diferentes mídias propícias a cada objetivo específico e a um projeto pedagógico direcionado a uma educação aberta e centrada no aluno.

Irei a seguir analisar a educação musical a distância teoricamente sob os aspectos metodológicos e questionar a quebra de paradigmas através de pesquisa bibliográfica, me utilizando de referenciais teóricos já selecionados em minha tese de doutorado (PEREIRA, 2019), que analisou os cursos de Licenciatura em Música da Universidade Aberta do Brasil (UAB) até 2017, que ocorreram pela Universidade de Brasília (UnB) e pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Em seguida, farei uma análise sobre o ensino remoto de Música durante a pandemia, e concluo com as considerações finais.

## 2 | ASPECTOS METODOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO MUSICAL A DISTÂNCIA

O surgimento de pesquisas em Educação Musical sobre metodologias baseadas em novos recursos tecnológicos apresenta um campo que ainda está sendo gradualmente construído, uma vez que ferramentas focadas na aprendizagem e em produção musical são criadas constantemente. No Brasil, podemos encontrar algumas pesquisas relacionadas a cursos da UAB, como Gohn (2011), Nunes (2012), Schramm (2009), além de outras pesquisas sobre uso de tecnologias na aprendizagem de Música.

Swanwick (2003) apresenta o conceito de *música como espaço intermediário*, no qual há ideias articuladas de interseção entre o sujeito e o mundo; por isso, a Educação Musical em escolas e faculdades não pode estar limitada a apoiar uma única função social, de transmitir informações, não devendo substituir o envolvimento direto dos alunos com o discurso musical por um turismo global por meio de músicas gravadas. Portanto, o emprego de mídias pode ser feito para transmitir a informação, mas não deve substituir o contato direto com a cultura local; após tais vivências, é preciso promover um debate e ressignificá-las.

Então “as principais atividades de compor-ouvir, executar-ouvir e apreciar-ouvir acontecerão em relação à música em um âmbito cultural amplo o suficiente para que os alunos se conscientizem de que eles têm um ‘sotaque’” (SWANWICK, 2003, p. 54). Dessa forma, o autor acredita que as pessoas se tornam musicalmente engajadas quando olham a atividade como significativa e autêntica.

Ao pensar na formação de professores de Música para o ensino básico, a música como *espaço intermediário* deve fazer a conexão do sujeito com a cultura do mundo, com outros “sotaques”, inclusive o nosso próprio, uma vez que a exposição a outras culturas ajuda-nos a entender algo da nossa.

O questionamento acerca da função da música na sociedade pode ser estendido à discussão acerca da função da Educação Musical nas escolas de ensino básico. As funções

simbólicas então devem ser um dos objetivos a serem alcançados por professores e, conseqüentemente, a “transformação da estrutura simbólica em experiências significativas” proposta por Swanwick (2003) deve ser um dos objetivos a ser alcançado.

Para se chegar a tal objetivo, é necessária uma metodologia que envolva experiências de saber e fazer musical, que compreenda a música como reflexo da cultura, que tenha natureza metafórica e que possa ser criativamente reinterpretada, uma vez que somos *intérpretes culturais* (SWANWICK, 2003). Para o ensino de Música na modalidade a distância, o curso deve conduzir o aluno a experiências significativas, e isso acarreta um processo educacional no qual o diálogo entre discentes e docentes ocorra em primeiro plano – em que o planejamento docente ocorra de forma menos fechada.

A educação aberta se faz necessária na construção de um modelo de Educação Musical a distância. Nesse ponto, entendemos “considerar o discurso musical dos alunos” (SWANWICK, 2003) como cada disciplina organizar os materiais parcialmente construídos com a participação dos alunos diretamente envolvidos ou mesmo ter a opção de disciplinas com ementas abertas: que parta dos estudantes elaborar esses materiais.

Pereira (2014) destaca que, em uma turma de Percepção Musical de um curso a distância pela UAB foi utilizada durante uma prova presencial uma gravação de ditado melódico criado e cantado por um aluno com base em um exercício *online* no qual os alunos deveriam transcrevê-lo, rompendo com um modelo de prova criada por um professor e executada ao piano. O autor destaca que, durante uma atividade *online*, foi pedido para um aluno compor e cantar uma melodia e outro aluno criar uma segunda voz polifônica em cima desse *cantus firmus*; tal atividade dificilmente seria executada em uma turma presencial.

Nesses casos citados, os professores souberam utilizar as peculiaridades dos recursos tecnológicos e comunicacionais para proporcionar atividades adequadas ao meio e utilizaram materiais criados por alunos de outras ofertas de cursos que serviram de material para turmas futuras – sem então depender da burocracia de envolver uma equipe para a criação de material institucional. Incentivar os alunos a criar possíveis materiais, principalmente materiais interativos, a serem utilizados em turmas futuras é uma forma de romper a burocracia e gerar um banco de dados de materiais a serem utilizados no futuro. Ou seja: além dos Recursos Educacionais Abertos (REA) existentes criados por professores, encorajar alunos a produzir materiais para um banco de dados de REA em áudio e vídeo para aula de Música disponibilizá-lo a não cursistas pode ser um recurso interessante a ser adotado, criando uma espécie de biblioteca popular virtual.

Em áreas cuja cultura tem memória preponderantemente oral e não há nenhum projeto de transformação infraestrutural em andamento, o problema que se coloca não é o da leitura da palavra, mas o de uma leitura mais rigorosa do mundo, que sempre precede a leitura da palavra. Se antes raramente os grupos populares eram estimulados a escrever seus textos, agora é



fundamental fazê-lo desde o começo mesmo da alfabetização para que, na pós-alfabetização, se vá tentando a formação do que poderá vir a ser uma pequena biblioteca popular, com inclusão de páginas escritas pelos próprios educandos (FREIRE, 1989, p. 19).

Gohn (2011, p. 206) reconhece que nos cursos de Música a distância da UFSCar “em grande parte os currículos são fechados, criando desafios para o gerenciamento de custos no momento de renovar materiais de estudo”.

Ter uma aprendizagem aberta como foco metodológico é algo extremamente importante em cursos de Música a distância. Isso envolve não somente tecnologia e metodologias adequadas, mas também uma gestão de tempo e recursos diferenciados para que se concretize a aprendizagem. Tais conceitos são fundamentais para trabalhar os objetivos necessários ao professor de Música do século XXI, incluindo o multiculturalismo e a dilatação de capital cultural.

Swanwick (2014) faz uma análise comparativa de máximas entre educadores musicais do século XIX (Annie Jessie Curwen) e XX (Murray Schafer) e conclui que o que os diferencia é a certeza do conteúdo curricular – no século XIX de *classificação e enquadramento* forte e no século XX de classificação fraca – ou seja, conteúdos pouco estruturados previamente, contando com a composição e execução dos alunos como ponto principal do século XX. Aliado a essa estruturação e as competências do professor de Música do século XXI, a educação aberta segue essa linha de raciocínio.

Gohn (2011) assevera que no curso de Música da UFSCar o tempo para preparar o material multimídia excede a fase de concepção, anterior à fase de execução da disciplina. Tendo em vista que tais cursos de Música pela UAB ocorrem há uma década, houve tempo suficiente para que a prática de produção de material didático se concretizasse – o que não ocorreu, conforme constatado por Pereira (2019). Logo, se os cursos de Música a distância permanecem praticando a utilização de textos retirados de periódicos ao invés de construir um material multimídia interativo calcado na realidade do aluno, tal argumento é controverso. É urgente reformular as práticas de elaboração de material didático para cursos a distância, uma vez que uma metodologia calcada no aluno depende da prática nessa modalidade.

Gohn (2011) alerta que a aprendizagem do treinamento auditivo necessita de exercícios contínuos e repetidos exaustivamente para que as diferenças entre as sonoridades estudadas sejam assimiladas e internalizadas. Tendo em vista que uma situação presencial ocorre comumente com o uso do piano, segundo o autor, os *softwares* podem reproduzir e corrigir os erros incansavelmente sem o auxílio de outro indivíduo.

Pereira (2014) relata em sua pesquisa que, durante a realização de uma tarefa para a disciplina de Percepção Musical, na qual deveria gravar um solfejo e se acompanhar em um instrumento harmônico usando um sequenciador, o autor se pegou gravando trechos isolados em diversos *takes* de gravações para conseguir um melhor resultado, gerando um

resultado que não seria o mesmo em uma aula presencial, dando então mais ênfase ao produto do que ao processo e interrompendo a fluência, o que gera a descontinuidade de um discurso genuinamente musical e rompe com o princípio de fluência no início e no final<sup>3</sup>.

Tudo isso é muito diferente de usar o computador somente em uma composição dirigida para a notação – uma forma de instrução sequenciada que o computador faz muito bem. Isso aparece no princípio da fluência e também no primeiro princípio, consideração pela música como discurso. Ser capaz de dizer em música somente o que podemos escrever em notação nega tanto a expressividade como o discurso musical dos alunos. Deveremos procurar pelo progresso tecnológico para libertar os professores e alunos do trabalho penoso, não para aumentá-lo. As pessoas poderiam, então, estar mais livres para produzir e responder à música ao vivo, que assim desempenharia o seu papel, promovendo interesse e convivência e, ao mesmo tempo, refinando a sensibilidade e ampliando a mente (SWANWICK, 2003, p. 115).

Por extensão, qualquer performance assíncrona gravada em vídeo ou em áudio pode sofrer algum tipo de edição que implique um resultado artificial que não seria possível em um encontro presencial ou em momento síncrono do curso que envolva a comunicação por áudio ou vídeo. Para os áudios, há técnicas que permitem a edição para que o produto final fique com o mínimo possível de erros para quem o ouve, a ponto de não ser perceptível identificar que o áudio foi editado. Nesse caso, o tutor a distância responsável por corrigir a tarefa não possui ferramentas para saber como foi o processo do produto enviado. Porém, o uso de comunicação síncrona minimiza essa possibilidade.

O grande desafio no uso das tecnologias digitais em aprendizagem de Música está em buscar metodologias condizentes com o perfil do professor de Música do século XXI. No caso da educação a distância, é fundamental pensar o papel desse professor. Os aprendizes, sejam alunos de um curso superior ou demais estudantes em qualquer modalidade de ensino, buscam informações em comunidades virtuais; por vezes, conseguem obter informações satisfatórias entre os próprios aprendizes que participam de fóruns virtuais (PEREIRA, 2017). Com isso, cabe atentar para o papel do professor *online* em meio aos cursos de Música.

Pallof e Pratt (2013) apontam mudanças para o instrutor *online*: (1) o equilíbrio de poder: o instrutor precisa agir como facilitador da aprendizagem, enquanto os alunos devem se encarregar do processo de aprendizagem; (2) a função do conteúdo: disponibilizar recursos, ao invés de instrução expositiva; (3) o papel do instrutor: orientar os estudantes pelo estabelecimento da presença *online*; (4) a responsabilidade pelas necessidades de aprendizagem: os estudantes precisam assumir maior responsabilidade pelo seu próprio processo de aprendizagem; (5) o propósito e o processo da testagem e da avaliação: uso de autoavaliação e atividades de aplicação prática.

---

3. O termo fluência no início e no final aparece conforme a tradução das Profas. Alda de Oliveira e Cristina Tourinho. Como tradução alternativa ao original, também poderia ser utilizada o termo fluência fundamentalmente.

Ao mesmo tempo que podemos constatar uma mudança urgente nos paradigmas educacionais para pôr o foco na aprendizagem significativa centrada no aluno, as premissas apontadas por Palloff e Pratt (2013) devem ser questionadas por apontar demasiadamente a responsabilidade da aprendizagem no aluno. Esse fator induz a tendência a um modo de pensar e agir que isenta o professor de seus atributos e acaba por colocar nas mãos do aluno o poder decisório – nos moldes neoliberais, o cliente sempre tem razão, e se o aluno falhar a meritocracia justifica que ele não se esforçou o bastante, isentando o professor desse processo. Os autores apontam também para o termo instrutor, que induz aquele que detém a informação em face de um aluno, que apenas tem o dever de absorvê-las.

A informação contida no material didático tradicional transposta para mídias digitais não interativas e o tutor responsável apenas por responder as dúvidas quando procurado pelo aluno – tutoria reativa – acabam por subverter a autonomia do aluno ao abandono. O excesso de tarefas de cursos EaD e a obrigação de cumpri-las em prazo predeterminado, como os fóruns com duração não flexível, podem ocasionar uma experiência rasa, não permitindo ao aluno usufruir a experiência que conduz a uma *transformação metafórica* ou *crítica imaginativa* (SWANWICK, 2003).

Percebemos certa intenção na EaD de utilizar *feedbacks* automatizados para a substituição de humanos, por meio de formulários de múltipla escolha, o que acarreta grande prejuízo à aprendizagem. “Atenções também deverão ser dirigidas aos sistemas automatizados, que muito provavelmente serão empregados por gestores educacionais, sempre que possível, para cortar gastos e expandir o número de alunos atendidos” (GOHN, 2011, p. 207). Tais processos são voltados para o acréscimo de informações e não induzem à *transformação metafórica*.

Um fórum virtual que pretende ser sociointeracionista deve partir de uma pergunta provocativa do tutor em relação ao texto e correlacionar à experiência de vida dos alunos. Em minha experiência como tutor da UnB, deparei-me com o problema de haver fóruns avaliativos com duração de uma semana e toda semana ocorria o mesmo procedimento: a maior parte da turma respondia nos fins de semana às perguntas criadas na segunda-feira, próximo do fim do prazo, e isso fazia com que a discussão não fosse produtiva, pois não havia tempo para a reflexão sobre a pergunta inicial. A discussão então era interrompida porque era preciso cumprir o cronograma a qualquer custo. Nenhuma estratégia era tomada ou discutida para que tal metodologia fosse modificada. Como o *Moodle* era programado de forma que os fóruns tivessem horário para encerrar, mesmo que o aluno respondesse ao fórum com virtuosismo, o sistema não permitia ao tutor lançar a nota, o que rompe com o *paradigma da flexibilidade* proposto para uma educação aberta.

Segundo Palloff e Pratt (2013), um curso *online* verdadeiramente centrado no aluno necessita entender quem são os alunos, como eles aprendem, o que eles precisam para que os professores possam apoiá-los em sua aprendizagem, como ajudá-los em seu desenvolvimento como agentes reflexivos, como desenvolver cursos e programas sem

deixar de dar atenção a um melhoramento contínuo da qualidade, estar ciente das questões que afetam suas vidas e sua aprendizagem e encontrar uma maneira de envolvê-los na elaboração do curso e na avaliação.

### 3 I QUEBRA DE PARADIGMAS NA EDUCAÇÃO MUSICAL A DISTÂNCIA

Behar afirma que “no caso da educação ocorreu uma mudança paradigmática de fora para dentro, resultante da introdução das tecnologias da informação e da comunicação, levando a um novo perfil de instituição e à reformulação das funções dos ‘atores’ envolvidos” (BEHAR, 2009, p. 20). No entanto, a autora define paradigma como um corpo teórico ou sistema explicativo dominante durante algum tempo em uma área científica particular, e as mudanças de paradigmas ocorrem quando há rupturas na evolução científica.

Com isso, podemos afirmar que a inclusão de tecnologias digitais não é o suficiente para romper paradigmas se a instituição não se adequa às especificidades de cada área. Para um curso a distância romper paradigmas, é necessário que os aspectos metodológicos se imponham e, partindo deles, sejam pensados os melhores aspectos comunicacionais. Caso contrário, corre-se sempre o risco de replicar os modelos tradicionais na tela do computador ou aparelho móvel.

Para os cursos de Música a distância, é fundamental conceber novas metodologias que não se limitem a práticas engessadas, o que implica uma equipe técnica desenvolver novas ferramentas para atender as especificidades desses cursos. Os cursos da UAB usam o *Moodle* como Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), e ele não contempla as peculiaridades comunicacionais da música, que utiliza vídeos, áudios e edição de partitura de forma integrada. As aulas virtuais de instrumentos, ao invés de ocorrerem em pequenos grupos de forma síncrona, ocorrem em turmas grandes, assíncronamente, mediante o envio de vídeos.

No entanto, tal prática ocorre porque o sistema UAB não permite oferecer aulas por webconferência (síncrona) para grupos menores, tal qual seria o ideal para o curso de música – sendo uma das especificidades da música, já que no curso presencial ocorre dessa forma: de forma individual ou em grupos pequenos. Por outro lado, os cursos precisam de se adaptar ao modelo geral da UAB pelo *Moodle* em aulas assíncronas para instrumentos musicais, o que gera uma nova forma de ensinar prática de instrumentos através da internet.

No entanto, os cursos da UAB realizavam encontros semanais obrigatórios pelos tutores presenciais e, conforme apontado por Pereira (2014), alguns polos não possuem tutor com formação em Música. Para as disciplinas de prática de instrumento ou canto, o tutor tinha apenas a função de entregar um envelope lacrado com a partitura para gravar a performance do estudante de leitura à primeira vista e gravar a peça de confronto para enviar o vídeo ao Tutor e o Professor Supervisor acompanhava todo o processo.

Uma vez que, de forma geral, a comunicação em cursos *online* é feita predominantemente de forma escrita, há necessidade do uso de elementos escritos da linguagem musical por parte do aluno. Gohn (2011) aponta a necessidade de que cursos *online* de Música usem vídeo para se comunicar com os professores em disciplinas práticas na área da Música e *feedback* em vídeo por parte do tutor. Pereira (2014) aponta que alunos também sentem essa necessidade em disciplinas de cunho teórico-prático: eles declaram ter dificuldade de se expressar por escrito sobre habilidades em disciplinas como Harmonia ou Percepção Musical.

Toda nova tecnologia, incluindo as tecnologias digitais, modifica e determina novas formas de pensar, enxergar o mundo, compreender a realidade e comportar-se diante de problemas e soluções, além de modificar a cultura. Se no passado o acesso à informação era algo raro e singular, atualmente as tecnologias digitais quebraram os paradigmas de acesso à informação, o que gera excesso de informações. Na sociedade da informação, saber garimpar pelas fontes de informações verídicas e úteis passou a ser uma competência relevante ou necessária para cidadão com acesso à internet – que pode ou não conseguir desenvolver essa competência.

Com isso, o acesso ao *capital cultural objetivado* (BOURDIEU, 2000) se ampliou bruscamente para os que têm acesso às tecnologias digitais e à internet, e ampliar esse acesso é um ato político que significa instaurar meios para a mobilidade social e cultural. No entanto, tal facilidade pode levar a uma homogeneização cultural que foge a padrões locais em prol de uma globalização da educação determinada pela globalização econômica e pela indústria cultural<sup>4</sup>.

A tecnologia interfere nas necessidades de um músico – e conseqüentemente nos moldes de ensino e aprendizagem. Um exemplo disso é o aplicativo para computador e celular *Scorecloud*, que consegue pelo microfone dos aparelhos captar o som da voz ou instrumento musical e realizar uma transcrição automática em aplicativo, ou o aplicativo *Digital Music Mentor*, para transcrever por meio de cifras alfanuméricas a harmonia da música em MP3 – o aplicativo “tira músicas de ouvido” para o usuário. Embora esses aplicativos ainda não consigam ainda ter boa qualidade em seus resultados até 2020<sup>5</sup>, e, com isso, por enquanto não dispensa o conhecimento em teoria musical tradicional, percebe-se que os aplicativos poderão em um futuro próximo passar a suprir a necessidade de um músico de ler e conseqüentemente aprender partitura, ou mesmo a aprendizagem do treinamento auditivo, disciplina obrigatória em conservatórios de música.

Portanto, especula-se que no futuro o Professor de Música poderá não precisar dominar esses códigos, precisando se concentrar somente no som, tal qual na primeira idade da história música (WIORA, 1963). Nesse sentido,

4. Um fator que indica esse fenômeno é a utilização da língua inglesa como idioma para a comunicação em nível mundial que acompanha a globalização da educação.

5. O autor do texto realizou um teste com esses aplicativos e considerou o resultado muito ruim, principalmente para a transcrição de tétrades e acordes de 5 ou mais sons.

Novas disciplinas são necessárias no currículo, e elas nos levarão longe pelos contornos mutantes do conhecimento interdisciplinar adentro.

O novo estudante terá que estar informado sobre áreas tão diversas como acústica, psicoacústica, eletrônica, jogos e teoria da informação.

São estes últimos, juntamente com o conhecimento dos processos de construção e dissolução da forma, observados nas ciências naturais, que serão necessários para registrar as formas e densidades das novas configurações sonoras da música de hoje e amanhã. Hoje se ouve mais música por meio de reprodução eletroacústica do que na sua forma natural, o que nos leva a perguntar se a música nessa forma não é talvez mais “natural” para o ouvinte contemporâneo; e, se for assim, não deveria o estudante compreender o que acontece quando a música é reproduzida desse modo?

O vocabulário básico da música se modificará. Falaremos talvez de “objetos sonoros”, de “envelopes” e “transientes de ataque” em vez de “tríades”, *sforzando* e *appoggiatura*. Sons isolados serão estudados mais atentamente, e se prestará atenção aos componentes de seus espectros harmônicos e às suas características de ataque e queda (SCHAFFER, 1991, p. 122).

Pereira (2019) aponta como conclusão de sua tese que o modelo de *habitus conservatorial* (PEREIRA, 2012) está presente nos cursos a distância da UAB e o ensino fechado impedem a educação musical a distância de se romper paradigmas educacionais.

#### 4 | O ENSINO REMOTO EM 2020

Em 2020 ocorreu uma pandemia foi causada pelo vírus COVID-19, que obrigou praticamente todo o mundo a realizar períodos de quarentena em que as atividades laborais foram suspensas. O cenário econômico mundial se viu ameaçado e foi possível se pensar em um cenário futuro radicalmente diferente do que estamos acostumados.

As aulas presenciais foram suspensas em escolas e universidades por decretos de lei devido a fácil propagação do Corona vírus em ambientes fechados, afetando quase 300 milhões de alunos ao redor do mundo, podendo futuramente afetar mais 190 milhões de alunos (AYUSO; OLIVEIRA, 2020).

Como alternativa a paralização dessas atividades no Brasil, algumas dessas instituições presenciais se valeram de criar atividades online para dar prosseguimento ao ano letivo, seja por força de algum decreto de lei para escolas públicas ou para manutenção financeira das instituições privadas, uma vez que se as aulas fossem suspensas, não haveria arrecadação de mensalidade dos alunos.

Com isso, a EaD foi colocada em pauta para suprir essa demanda presencial. No entanto, observar que o termo “educação a distância” difere de “ensino a distância”, uma vez que a educação preza por um aprendizado **intencional** e **planejado** (MOORE; KEARSLEY,

2010, grifo nosso). O processo de planejamento de um curso a distância é dividido em cinco etapas: concepção, planejamento, produção, mediação e acompanhamento (SENAC, 2010). Na etapa de concepção – dividida em concepção, planejamento e produção –, devem ser levadas em conta, para a criação do projeto do curso, questões estruturais, conceituais, andragógicas<sup>6</sup> e a logística de toda a equipe, as quais serão baseadas as demais etapas. Borne (2011) assevera que o Professor que deseja trabalhar com EaD precisa ter disponibilidade para realizar um planejamento minucioso.

Portanto, o que estas instituições presenciais têm feito é um ensino a distância de forma improvisada e provisória até o fim da pandemia, uma vez que não houve planejamento prévio devido a não ser esperada essa pandemia. A ausência de uma equipe apta a planejar um material específico para EaD junto a um Designer Instrucional<sup>7</sup>, aliado a falta de preparo do docente para lidar com esta modalidade, caracteriza que está sendo feito um improviso emergencial em uma tentativa desesperada e despreparada para que não se interrompa o ano letivo.

Quando a EaD se apresenta como uma alternativa para uma pandemia, não são levadas as condições de acessibilidade à internet das camadas baixas da população brasileira. Segundo pesquisa realizada por Cetic (2020), dos usuários entrevistados em 2018 que pertencem a classe D e E, 85% acessam a internet somente pelo celular e 55% declararam ter usado nos últimos 3 meses a internet no celular. Somente 13% da classe D e E declararam acessar a internet tanto pelo celular quanto pelo computador, uma vez que apenas em 9% dos domicílios da classe D e E possuem computador. Ainda, 27% da classe D e E declararam possuir acesso à internet por compartilhamento com o domicílio vizinho e apenas 3% dessas classes fizeram cursos a distância– enquanto 45% da classe A e B fizeram cursos a distância. Segundo a Anatel (2020), 55% dos acessos à internet se dão através de celulares pré-pagos em 2020. Cabe ressaltar que os clientes “controle” pagam uma tarifa fixa mensal e possuem tráfego de dados limitado.

Tais dados apontam que os usuários mais pobres possuem acesso à internet por tráfego de dados muito limitado ou através da internet do vizinho, sem nunca terem feito nenhum curso a distância e na maioria das vezes somente através do aparelho celular. Devido ao custo, há uma tendência em usuários das classes D e E terem aparelhos com pouca memória disponível para a instalação de novos aplicativos e armazenamento de videoaulas. Ainda, não é incomum pensar que durante a crise econômica gerada pela pandemia muitos usuários perderam o acesso à internet fixa e internet móvel por falta de pagamento da telefonia móvel.

---

6. A andragogia é um conceito voltado para a educação de adultos. A palavra “Andragogia” provém do grego *andros*, que quer dizer “homem”, e *agogus*, que quer dizer “conduzir, guiar”. Foi empregada pela primeira vez por Alexander Kapp, em 1833, ao referir-se à escola de Platão (ALMEIDA, 2009).

7. Profissional especialista em novas tecnologias (geralmente um professor especialista) responsável pela organização pedagógica dos conteúdos e por sua adequação aos suportes técnicos a serem utilizados na produção dos materiais.



Portanto, enquanto uma família de classe média alta tem acesso a internet banda larga por computador e material desenvolvido por professores, que do dia para a noite foram obrigados a virar *youtubers* sem nenhum preparo metodológico para poderem continuar recebendo seus salários, uma família de classe baixa que não tem o acesso à internet nem equipamento adequado para acessar aulas online se vê obrigada pelo governo a ter acesso a esse equipamento nas escolas públicas por conta de um decreto de lei que desconsidera as estatísticas e nem fornece os equipamentos necessários.

Sendo assim, a pandemia gerou um *apartheid* social no qual as escolas particulares contratam grandes empresas educacionais para criar plataformas interativas para seus alunos – que requerem aparelhos modernos como requisito de acesso –, enquanto as escolas públicas ficam reféns de leis que não levam em consideração políticas públicas de investimentos em acessibilidade e acesso a aparelhos para acessarem essas plataformas.

O governo do estado de São Paulo adotou como medida para aulas a distância para 3,5 milhões de alunos na quarentena a transmissão de aulas por aplicativo e dois canais digitais, além da entrega de apostilas, livros paradidáticos e gibis nas escolas (PORTAL, 2020). Ocorre que na EaD através de TV e livros não há interação do aluno com o material didático. Portanto, não foi adotada o uso de um material didático sociointeracionista.

Cabe refletir a partir desta pandemia sobre as medidas necessárias para equilibrar o abismo social por parte do poder público. Investir em políticas de acessibilidade a internet com equipamentos compatíveis com a educação a distância nos parece algo indispensável não para passarmos por períodos de quarentena, mas para levar a educação a distância como complementar de aulas presenciais às camadas mais baixas da população, colocando em prática o *blended-learning* a todos – e não somente aos privilegiados que podem pagar um colégio ou universidade particular, se levado em conta que muitos alunos de escolas públicas ficaram sem aulas por algum período de tempo.

Durante a pandemia um novo cenário institucional foi desenhado para atender as necessidades da população sem sair de casa. No Brasil, foram usadas certificações digitais para eliminar burocracias como validar receitas médicas<sup>8</sup> ou assinaturas, além de conselhos de órgãos que não permitiam o atendimento online e passaram a permitir o atendimento *online* durante a pandemia<sup>9</sup>. Tais instituições, que ainda lidam com o preconceito em relação a EaD, terão de lidar com a dicotomia entre aceitar que seus profissionais sejam capazes de usar a internet para trabalharem online, mas controversamente não são capazes de se formarem online. Não seria então a proibição de algumas graduações online mero corporativismo para proteger o valor do diploma de determinadas profissões, tendo em

---

8. Autorizado pelo Conselho Federal de Medicina. Disponível em: [http://portal.cfm.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=28674:2020-04-23-13-38-34&catid=3](http://portal.cfm.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=28674:2020-04-23-13-38-34&catid=3). Acesso em: 25 Abr. 2020.

9. Como exemplo cito o Conselho Federal de Nutricionistas (CFN) e a União Brasileira das Associações em Musicoterapia (UBAM). Disponível em: <https://www.cfn.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Resol-CFN-646-codigo-etica.pdf> e <http://ubammusicoterapia.com.br/wp-content/uploads/2020/03/Diretrizes-Musicoterapia-e-TICs.pdf>. Acesso em 25 Abr. 2020.

vista a capacidade que a EaD possui de expandir o acesso e democratizar o acesso à educação superior?

No cenário informal, músicos passaram a fazer *lives* e participar de festivais de artes online, incluindo editais de cultura remunerados. O número de gravações de vídeos feitos em *home studios* e compartilhados em redes sociais aumentou devido a proibição de eventos presenciais por conta da quarentena, obrigando o profissional que trabalha em eventos a aprender a lidar com as tecnologias digitais para se reinventar.

Não cabe neste texto especular como será o futuro, mas sim chamar a atenção que esse cenário poderá se modificar no Brasil e no mundo a partir da vivência dessas realidades pelos indivíduos e instituições. Seriam essas transformações um indício para a que a modificação do uso das tecnologias na educação musical e na Educação Musical a distância ou híbrida apontem para o início de uma segunda geração da educação musical no século XX?

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso das tecnologias da educação na educação musical a distância que visa a quebra de paradigmas necessita da recriação das estruturas institucionais ou de novas instituições. Uma vez que as instituições continuam a operar de forma tradicional, soluções foram observadas e apontadas como formas de configurar pequenas mudanças – que não seja uma quebra de paradigmas. É preciso que aspectos metodológicos se imponham para, posteriormente, haja reflexão sobre os aspectos comunicacionais. Ainda, observa-se que muitas práticas da UAB na educação musical a distância são práticas tradicionais virtualizadas: a virtualização da sala de aula que leva uma metodologia tradicional para o computador ou *smartphone*.

O modelo fechado – ou não aberto – e o *habitus conservatorial* (PEREIRA, 2012) são apontados como fatores que impedem o ensino de música por meio das tecnologias ou a educação musical a distância de romper os paradigmas, incluindo o uso de pouca diversidade de mídias e material interativo baseado no sociointeracionismo, conforme Pereira (2019).

A hibridização do ensino ocorrido por conta da quarentena leva a refletirmos sobre o futuro da Educação Musical a Distância, uma vez que alunos do ensino fundamental e médio do Brasil e do mundo tiveram contato com esse tipo de ensino, ainda que emergencial, e isso trará consequências no futuro.

## REFERÊNCIAS

ANATEL. Painéis de dados de acessos a telefonia móvel – Fevereiro de 2020. **Agência Nacional de Telecomunicações**. Disponível em: <<https://www.anatel.gov.br/paineis/acessos/telefonia-movel>>. Acesso em: 25 Abr. 2020.

AYUSO, Silvia. OLIVEIRA, Regiane. Coronavírus fecha escolas e já afeta 300 milhões de alunos no mundo. *El país*, Paris, São Paulo, 11 Mar. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-06/quase-300-milhoes-de-alunos-ja-foram-afetados-pelo-fechamento-de-escolas-por-conta-do-coronavirus.html>>. Acesso em 24 Abr. 2020.

BEHAR, Patricia Alejandra. **Modelos pedagógicos em educação a distância**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BORNE, Leonardo da Silveira. **Trabalho docente na educação musical a distância**: Educação superior brasileira. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS, faculdade de educação programa de pós graduação em educação mestrado. Porto Alegre: 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Poder, derecho y clases sociales**. 2ª ed. Bilbao: Desclée de Brower, 2000.

CETIC. TIC domicílios – 2018. **Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação**. Disponível em: <<https://www.cetic.br/pesquisa/domicilios/indicadores>>. Acesso em: 25 Abr. 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

GOHN, Daniel Marcondes. **Educação musical a distância**: Abordagens e experiências. São Paulo: Cortez. 2011.

MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância**: Uma visão integrada. São Paulo: Thompson, 2010.

NUNES, Helena de Souza. Construção de conhecimento e identidade profissional. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **EaD na formação de professores de Música**: fundamentos e prospecções. 1º Vol. Tubarão: Copiart, 2012.

PALOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **O instrutor online**: estratégias para a excelência profissional. Porto Alegre: Penso, 2013.

PEREIRA, Fabiano Lemos. **A aprendizagem de música a distância**: Relatos de experiência discente. Curitiba: CRV, 2014.

\_\_\_\_\_. **Aprendizagem informal de Harmonia através da internet**: uma netnografia. Saarbrüchen: Omniscryptum, 2017. Novas Edições Acadêmicas.

\_\_\_\_\_. **Licenciaturas em Música a distância**: um estudo dos cursos da Universidade Aberta do Brasil. 2019. 286f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

PORTAL do governo. Educação retoma ano letivo com Ead e distribuição de material pedagógico. **Governo do Estado de São Paulo**. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/educacao-retoma-ano-letivo-com-ensino-remoto-e-distribuicao-de-material-pedagogico/>. Acesso em: 29 Abr. 2020.

SCHAFER, Murray. **O ouvido pensante**. Trad. Marisa Trench. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

SCHRAMM, Rodrigo. Tecnologias aplicadas a educação musical. **Revista Novas Tecnologias da Educação**, v. 7, nº 2, out. 2009.

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente**. São Paulo: Moderna. 2003.

\_\_\_\_\_. **Música, mente e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

WIORA, Walter. **Les quatre ages de la musique**: de la prehistoire a l'ere de la technique. Paris: Petite Biblioteque Payot, 1963.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Ambiente Virtual de Aprendizagem 7, 38  
Aparelhos de Reprodução Elétricos 16  
Aparelhos Digitais para Gravação 17  
Aplicativos de Música 15  
Aprendizagem de Música Através da Internet 1  
Aprendizagem Via Internet 15, 20, 25  
Arquivos MP3 16

### B

Bateria 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 34, 40

### C

Comunicação 1, 5, 7, 8, 29, 38, 40, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 53, 54

### D

Daniel Gohn 15, 35, 56  
Democratização do Ensino 49  
Digitalização do Som 15, 18  
Domínio Tecnológico 31

### E

Ead 14, 44, 48, 49, 52, 54, 55  
Educação a Distância 1, 5, 9, 11, 13, 44, 47, 48, 49, 51, 54, 56  
Educação Musical 28, 36, 50  
Educação Musical a Distância 2, 1, 2, 7, 9, 12, 13, 20, 27, 41, 43  
Ensino de Música a Distância 1  
Ensino Musical 41, 45  
Ensino Remoto 2, 9

### F

Feedbacks Automatizados 6

### M

Música 2, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 54, 55, 56

## **N**

Nova Pedagogia 50, 51

Novas Linguagens 53

Novos Meios 15, 50, 53

## **P**

Paradigmas Educacionais 1, 6, 9

Piano Tutorial 38

Produção 2, 4, 10, 15, 17, 19, 25, 31, 33, 36, 45, 56

## **Q**

Quebra de Paradigmas na Educação Musical 7

## **R**

Recursos Educacionais Abertos 3

Reprodução 9, 15, 16, 17, 34

## **T**

Tecnologia de Gravação 16

Tecnologias de Informação 29, 44, 47, 50, 54

Tecnologias Educacionais na Música 1

## **U**

Universidade Aberta do Brasil 2, 13

Uso das Tecnologias na Educação 12

Utilização de Tecnologias por Professores de Música 34

# Educação Musical a Distância e Tecnologias no Ensino da Música

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 



# Educação Musical a Distância e Tecnologias no Ensino da Música

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 